

Vamos todos cuidar da nossa casa

Divulgação

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs no Brasil – CONIC fazem, por meio da Campanha da Fraternidade Ecumênica 2016, um apelo a todos os brasileiros: a Casa Comum é nossa responsabilidade. E para tal quer refletir o tema a partir de um problema que afeta o meio ambiente e a vida de todos os seres vivos, que é a fragilidade e, em alguns lugares, a ausência dos serviços de saneamento básico em nosso país. O texto base foi apresentado em novembro e traz, em cinco partes, reflexões e propostas concretas que tem como objetivo a preservação do meio ambiente, a saúde dos seres humanos e a construção de justiça social.

PÁGINAS 6 E 7

MISERICÓRDIA

Como viver o Ano Santo da Misericórdia? O Jornal Pastoral traz informações e orientações sobre o Jubileu aberto pelo Papa Francisco em dezembro. Em seu artigo, Dom Geraldo Lyrio Rocha chama a atenção para o aumento da intolerância e a importância do Jubileu Extraordinário. "O Papa Francisco, em tom profético, aponta caminhos a serem seguidos por cada cristão e por toda a Igreja nesta época de grande intolerância, profundas divisões e enormes desajustes sociais", afirma o arcebispo. Leia também mais sobre o Ano Santo da Misericórdia na página de "Formação Continuada".

PÁGINAS 2 E 9

Quero ver o direito brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca.
Am 5, 24



**CASA COMUM,
NOSSA RESPONSABILIDADE.**



CAMPANHA DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA 2016

20 de Março - Domingo de Ramos - Coleta Ecumênica Nacional da Solidariedade



PARTICIPAÇÃO

A Arquidiocese de Mariana está preparando seu Novo Projeto Arquidiocesano de Evangelização. E para isso espera a participação ativa de todas as comunidades que compõem as cinco Regiões Pastorais. O Jornal Pastoral quer ajudar a ampliar esta discussão e nesta edição traz

uma entrevista com o padre Geraldo Martins, onde ele explica como será o processo de formulação do PAE e como é importante a participação de todos. O tema também é tratado pelo padre Geraldo em seu artigo mensal.

PÁGINAS 3 E 11

Crises vida do povo

O Brasil passa por uma turbulenta crise que não se salva por qualquer antídoto. É necessário algo mais que explicita o sentido das coisas que acontecem por aqui. Qual seria a pior das crises? Temos a econômica que predomina no mundo atual onde sobrevivem apenas os que detêm a estabilidade do dinheiro, das riquezas e da capacidade de se multiplicar à custa do avassalador endividamento dos mais pobres. Há muito, o país saiu da emergência para cumprir metas exigentes da economia mundial, mas com sofrimento e padecimento de suas matérias primas. O aspecto econômico sobrepuja numa sociedade que adultera e destrói os valores humanos e sociais.

Este país passa por uma dolorosa via crucis da crise política malfadada e desautorizada do poder popular. A corrupção, como lembra o Papa Francisco, é doença que atinge todos os cantos e corações humanos. A corrupção compra o desejo e o objetivo de vida de qualquer um. Vencer a corrupção, ou pelo menos enfrentá-la, é missão árdua das democracias e, sobretudo, dos que ainda sonham com a sociedade justa e democrática. Triste pensar que os que deveriam governar, legislar e julgar não conseguem se ver livres da corrupção e dos desmandos que emanam do poder mal administrado. Contudo, estaria tudo perdido no lamaçal da ignorância política e do descrédito? A crise político-institucional há de ser sanada pela participação popular e pela incessante busca dos princípios que regem a dignidade humana. Em muitos países não se dá autonomia aos poderes constituídos. Neste sentido, o Brasil é exemplar na apuração das verdades e das mentiras políticas ainda que padeça de respeito por si mesmo. As elites econômicas e políticas veem-se ameaçadas pela cultura ética e cristã que se semeou no solo pátrio.

A crise estende-se nos campos sociais e nas situações diversas da vida do povo. O Brasil já não se encontra no mapa da fome que mata a vida, mas ainda luta para tirar da miséria milhões de famintos por justiça social na erradicação da pobreza, da educação desqualificada e dos índices sociais ameaçadores da sobrevivência humana. Quem mais sofre são os pobres, os excluídos e os que sobram da sociedade do bem-estar. Para muitos eles não existem, são resto ou dispensáveis de viver (setores da grande mídia, muitas vezes contribuem para a desconstrução dos poderes populares). Não interessa a essa mídia que o povo seja consciente e sujeito de sua história.

Aprende-se muito com a crise ou com as crises, sejam elas de qualquer natureza: política, ética, econômica e social. Só não se pode perder a utopia da vida que supera a morte. O ser humano entregue à derrota rende-se perante a violência, o despudor das ideologias econômicas e políticas que não se coadunam com a ética e com os direitos humanos. Não sonhar e, sobretudo, não lutar pela justiça, pelos direitos e pela vida é eximir-se de não fazer parte da existência. O pior não é a crise, mas a sua não passagem de transformação como o crisol. Valha todo tipo de crise para o crescimento e valorização da povo e de suas prioridades.

Nada como iniciar o novo ano, fortalecendo a esperança e a eterna vontade humana de se superar na condução de suas lutas e utopias.



Ano da Misericórdia I

Dom Geraldo Lyrio Rocha

Arcebispo de Mariana

Com a bula de proclamação do Jubileu extraordinário da Misericórdia, intitulada *Misericordiae Vultus*, de 11 de abril de 2015, o Papa Francisco, em tom profético, aponta caminhos a serem seguidos por cada cristão e por toda a Igreja nesta época de grande intolerância, profundas divisões e enormes injustas sociais. A intolerância religiosa vai se radicalizando em muitos ambientes e tem motivado conflitos armados e ataques terroristas que têm causado muitas vítimas e espalham o medo e a insegurança em tantas partes do mundo. Mas, a intolerância vai se difundindo em outros ambientes, inclusive na família, no trânsito, no trabalho, na convivência social e até nos esportes. O ódio, o rancor, a mágoa vão envenenando o coração e estragando o relacionamento humano. Quem rompe com os irmãos, rompe também com o Pai. Jesus nos ensina: “Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36).

O Papa abriu a Porta da Misericórdia, no dia 08 de dezembro, na Basílica de São Pedro, e no domingo seguinte, dia 13 de dezembro, na catedral de Roma. O mesmo fizeram os bispos, em todas as catedrais do mundo. O Ano Santo da Misericórdia se estende de 8 de dezembro de 2015 (Solenidade da Imaculada Conceição) até 20 de novembro de 2016 (Solenidade de Cristo Rei).

Para a obtenção das indulgências do Ano Santo, seguindo as orientações do Papa Francisco, em nossa Arquidiocese de Mariana, foram indicadas as Basílicas, os Santuários e as demais igrejas onde anualmente se celebra um Jubileu. Em carta dirigida ao Presidente do Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, diz o Papa: “Penso também em quantos, por diversos motivos, estiverem impossibilitados de ir até à Porta Santa, sobretudo os doentes e as pessoas idosas e sós, que muitas vezes se encontram em condições de não poder sair

de casa”. Essas pessoas poderão obter a indulgência do Jubileu, vivendo com fé e esperança esse momento de provação, recebendo a comunhão ou participando na santa Missa e na oração comunitária, inclusive através dos vários meios de comunicação. E o Papa acrescenta: “O meu pensamento dirige-se também aos encarcerados, que experimentam a limitação da sua liberdade. Que a todos eles chegue concretamente a misericórdia do Pai”. Os presos poderão obter a indulgência “nas capelas dos cárceres, e todas as vezes que passarem pela porta da sua cela, dirigindo o pensamento e a oração ao Pai”.

O Papa Francisco inicia a bula de proclamação deste Ano Santo, recordando-nos que Cristo é o rosto da misericórdia do Pai, pois, ele é a “imagem visível do Deus invisível” (Cl 1,15). A misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu ponto mais alto em Jesus de Nazaré. Na plenitude do tempo (Gl 4, 4), Deus enviou o seu Filho, nascido da Virgem Maria, para nos revelar, de modo definitivo, o seu amor. Na face de Jesus, revelam-se os traços do Pai misericordioso: “Quem me vê, vê o Pai” (cf. Jo 14, 9). Com a sua palavra, os seus gestos e toda a sua pessoa Jesus de Nazaré revela a misericórdia de Deus.

O Pai, revelado por Jesus, não é um Deus castigador e vingativo como às vezes é apresentado por muitos cristãos. Ele se revelou a Moisés como um Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e fidelidade (Ex 34, 6). Jesus revela que Deus é amor (1Jo, 4,8), cheio de bondade e compaixão. Como o pastor, ele procura a ovelha perdida, e como pai está de braços abertos aguardando o filho que retorna à casa paterna. Diz o Papa Francisco: “Espero que a indulgência jubilar chegue a cada um como uma experiência genuína da misericórdia de Deus, a qual vai ao encontro de todos com o rosto do Pai que acolhe e perdoa, esquecendo completamente o pecado cometido”.

Assine o PASTORAL

Faça seu depósito identificado em nome da Arquidiocese de Mariana, na Caixa Econômica Federal ou Casas Lotéricas,
Agência: 1701 - Conta: 583-3
Operação: 003 e envie email com seus dados e confirmação de depósito para assinaturaspastoral@gmail.com

Valor da assinatura: R\$ 25,00 anual
(12 exemplares)

PASTORAL Expediente

Periódico mensal, fundado em fevereiro de 1991, em Mariana/MG

Endereço: Rua Dom Silvério, 51 Centro. CEP 35420-000 - Mariana/MG. Fone: (31) 3557 3167.
Email: jornal.pastoral@yahoo.com.br

Diretor: Pe. Wander Torres Costa.

Jornalista: Marcelo Martins - MG 06241JP

Conselho Editorial: Edina da Silva, Ester Trindade, Pe. Geraldo Martins Dias, Pe. José Geraldo de Oliveira, Pe. José Maria Coelho da Silva, Pe. Paulo Barbosa, Pe. Wander Torres, Carlos Heitor Fideles.

Produção: Editora Dom Viçoso. Rua Cônego Amando, 131 São José. CEP 35420-000 - Mariana MG. Fone: (31) 3557 1233.
Email: edv@graficadomvicoso.com.br

Tiragem: 2.000 exemplares.

Um PAE para todos, feito por todos!

Dacom

O Jornal Pastoral deste mês quer discutir um assunto que envolve diretamente a participação de todos na vida da Igreja Particular de Mariana: o Projeto Arquidiocesano de Evangelização (PAE). Para quê serve, como participar, como ele ajuda no dia a dia das comunidades? Perguntas que muitos leigos e leigas fazem e devem fazer ao desenvolverem as mais variadas atividades nas suas paróquias.

Para esclarecer melhor o tema e ajudar no processo de participação, o Pastoral entrevistou o Padre Geraldo Martins. Coordenador Arquidiocesano de Pastoral e pároco na Paróquia de Nossa Senhora da Glória, em Passagem de Mariana, padre Geraldo afirma que a participação e a organização são fundamentais para o sucesso do PAE e diz que “os desafios postos à evangelização são cada vez maiores e exigem respostas eficazes”.



PASTORAL: Especificamente, sobre o quê tratará o Projeto Arquidiocesano de Evangelização 2016/2020?

PADRE GERALDO MARTINS: Em primeiro lugar, é preciso dizer que o novo PAE, que estamos construindo, dá continuidade aos anteriores. Não há, portanto, ruptura com a caminhada pastoral e evangelizadora da Arquidiocese como se estivéssemos começando tudo do zero. O novo PAE, essencialmente, trata da recepção das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019, que renovam a proposta das cinco urgências na evangelização. Além disso, temos os dois últimos documentos do Papa Francisco – a exortação apostólica *Alegria do Evangelho* e a encíclica *Laudato Si* – que também nos inspiram, juntamente com o a Bula *Misericordiae Vultus*, sobre o *Ano da Misericórdia*. É claro que o Documento de Aparecida também continua muito presente no novo PAE que continua com fortes acentos para a missão e para a construção de paróquias que sejam rede de comunidades.

PASTORAL: Em qual fase de elaboração ele está neste momento?

PADRE GERALDO MARTINS: Nossa preocupação é com o processo de construção do Projeto. Queremos que seja marcado pela comunhão e participação. Assim, no ano passado, foi elaborado um *Instrumento de Trabalho* que passou pela aprovação do Conselho Arquidiocesano de Pastoral (CAP) e pela Assembleia Arquidiocesana de Pastoral, em novembro. O momento mais importante começa agora quando todas as instâncias e organismos da Arquidiocese são convocados a estudar esse *Instrumento de Trabalho* e a dar sua contribuição com correções, acréscimos, aperfeiçoamentos. Teremos todo o primeiro semestre para isso. O *Instrumento* deverá ser estudado começando pelas comunidades, passando pelas paróquias e foranias até chegar às Regiões. O mesmo ocorre com as coordenações arquidiocesanas de pastorais, movimentos e associações. No segundo semestre, a equipe de redação apresenta a primeira versão do PAE ao CAP que dará suas contribuições e uma

nova versão do texto será feita para a apreciação e aprovação da Assembleia Arquidiocesana, no final de novembro deste ano.

PASTORAL: Qual a melhor forma das pessoas participarem de sua elaboração?

PADRE GERALDO MARTINS: Tivemos, em dezembro passado, uma reunião com os vigários forâneos e outra com os coordenadores dos Conselhos Paroquiais de Pastoral (CPP). Com ambos os grupos insistimos na necessidade de as paróquias, através dos CPPs, incentivarem a máxima participação no estudo do *Instrumento de Trabalho*. Cada paróquia deverá usar a criatividade. É fundamental, no entanto, que seja providenciado o texto para cada pessoa. Foi elaborada uma versão mais popular e didática do *Instrumento de Trabalho*, em forma de Roteiro de Reflexão, que será oferecida eletronicamente para quem desejar. O importante é que todos, e não apenas os agentes de pastoral, tenham acesso ao texto. É fundamental ainda que as paróquias recolham as contribuições das comunidades e façam, se não uma assembleia, uma reunião ampliada de seu Conselho de Pastoral para que as contribuições sejam sistematizadas.

PASTORAL: E depois de elaborado, como efetivar verdadeiramente a participação das comunidades?

PADRE GERALDO MARTINS: De novo os CPPs são chamados a atuar. Caberá a eles discutir a melhor forma de as paróquias implementarem o PAE. As Regiões, através de seus Conselhos de Pastoral, podem ajudar muito propondo a melhor forma de aplicar as ações que constarão no PAE. No último projeto, a Arquidiocese constituiu uma equipe que ajudou muito na sua execução. Pode ser que sigamos o mesmo caminho. No processo de aprovação do novo PAE vamos discutir melhor esta questão e apresentar propostas que ajudem o Projeto a ser concretizado nas comunidades.

PASTORAL: Qual o papel dos padres nas diversas fases deste processo?

PADRE GERALDO MARTINS: Os padres são os primeiros animadores das comunidades e paróquias. Juntamente com os líderes leigos e leigas, eles são fundamentais para o êxito desse processo. Caberá, primeiramente a eles, reunir as lideranças e esclarecer-lhes o caminho que estamos percorrendo. Eles têm a tarefa de facilitar o estudo e a reflexão de nosso *Instrumento de Trabalho*. É de sua competência preparar as lideranças que deverão conduzir os estudos. Contamos com o efetivo engajamento de todos os padres nesse processo. Cumprindo bem seu papel nesta fase de construção do Projeto, tudo ficará mais fácil para sua implementação quando for aprovado.

PASTORAL: Ter um Projeto Arquidiocesano de Evangelização é uma boa estratégia de organização pastoral? E em quais aspectos ele ainda pode evoluir?

PADRE GERALDO MARTINS: O planejamento pastoral é uma prática que a Igreja no Brasil adquiriu desde a década de 1960. A CNBB foi fundamental para que as dioceses também entrassem nesse caminho de uma ação pastoral planejada, organizada, articulada. Hoje não é possível pensar uma diocese, uma paróquia e mesmo uma comunidade sem um plano de pastoral, por mais modesto que seja. Os desafios postos à evangelização são cada vez maiores e exigem respostas eficazes. Só com o planejamento isso é possível. Além disso, o Projeto de Evangelização tem a função de assegurar a comunhão e participação de todos, como propõem o Vaticano II e as Conferências Latino-americanas, que nos ajudaram a compreender a Igreja como Povo de Deus. É claro que não conseguimos colocar tudo dentro de um projeto, por mais bem elaborado que seja. Ele funciona como luz, como diretriz e, por si só, não pode nada. Tudo dependerá de quem o colocará em prática. Por isso, caberão sempre aperfeiçoamentos, especialmente em relação às atividades a serem desenvolvidas. Estamos confiantes e esperançosos de que o novo PAE nascerá com o rosto de nossa Arquidiocese e será um instrumento fundamental para responder ao mandato de Jesus: “Vão, façam discípulos meus todos os povos”.

Em preparação ao VI Fórum Social Arquidiocesano pela Vida



A cada três anos, a Arquidiocese de Mariana realiza um Fórum Social pela Vida convocando suas lideranças para debater temas atuais ligados à realidade de nosso povo, buscando a promoção da vida e da dignidade de todos como sujeitos de direitos e promotores de uma nova sociedade.

Já realizamos cinco fóruns sociais, desde 2001, tendo percorrido todas as regiões pastorais de nossa arquidiocese. Em todos eles, trabalhamos a relação fé, cidadania e sociedade, a partir dos pobres, no compromisso com o Reino de Deus - de vida, justiça e paz.

Temos presente, à luz da fé, o compromisso com a vida de nosso povo, a defesa de seus direitos, a inclusão social, o combate à miséria e à fome, a defesa do meio ambiente, a construção de uma sociedade politicamente democrática e economicamente justa, a serviço da vida e da esperança.

Agora, vamos dar passos novos. O Conselho Arquidiocesano de Pastoral (CAP) aprovou a realização do VI Fórum Social Arquidiocesano pela Vida para os dias 27 a 30 de novembro, na Região Pastoral Mariana Oeste, na cidade de Conselheiro Lafaiete.

Em vista de sua realização, a coordenação da dimensão sociopolítica e a comissão permanente do pós-fórum da arquidiocese já realizaram reuniões definindo, entre outros, estratégias, constituindo equipes e produzindo ma-

terial alusivo em preparação ao próximo fórum.

Nesse mês de janeiro, nos dias 22 e 23, na cidade de Conselheiro Lafaiete, acontecerá uma reunião ampliada com lideranças locais e diocesanas para definição de infraestrutura, temáticas e iniciativas prévias em vista do próximo fórum.

A cada mês, via Jornal Pastoral e site arquidiocesano, daremos notícias dos passos dados e das novas propostas em vista deste fórum social.

Quem acompanha e participa da vida diocesana, sabe da importância desse evento. Com o aprofundamento de suas temáticas, dos trabalhos de assessorias e das oficinas, reunidos, sobretudo, numa carta-compromisso que tem marcado cada fórum social, esses eventos têm permitido, nos seus desdobramentos, alimentar nossas lutas em favor da vida; organizar iniciativas pastorais, como das pastorais sociais; firmar compromissos de transformação social; evangelizar, no compromisso com a vida, os corações das pessoas, sensibilizando-as para o compromisso social e a atenção às periferias existenciais e geográficas, para que todos tenham vida e vida em abundância.

Saudamos o próximo fórum social, com muita esperança. Desde já, contamos com você. Reserve esta data. Mobilize-se e participe!

Pe. Marcelo Moreira
Santiago

Arquidiocese de Mariana abre Ano da Misericórdia

Bruna Sudário

“Que esse seja para todos nós um ano de graça.” Com estas palavras, o arcebispo de Mariana, Dom Geraldo Lyrio Rocha abriu, no dia 13 de dezembro, a Porta Santa, na Catedral da Sé, em Mariana, dando início ao Jubileu Extraordinário da Misericórdia, na Arquidiocese de Mariana. Também participaram da celebração, o cônego Nedson Pereira e o padre César Fernandes.

O Ano Santo Extraordinário da Misericórdia, instituído pelo Papa Francisco, foi iniciado em Roma no dia 8 de dezembro, quando a igreja celebrou a festa da Imaculada Conceição. Na ocasião, foi aberta pelo Papa a “Porta Santa”, na Basílica de São Pedro. O ato foi o pontapé inicial para que todas as arquidioceses do mundo também abram suas portas.

“Papa Francisco em uma atitude do Espírito, carregada de sentido profético, anuncia o Ano Santo da Misericórdia. Por quê? Porque meus irmãos, o coração humano está se tornando cada vez mais insensí-



vel e a intolerância vai tomando conta da vida das pessoas e envenenando tantas expressões da sociedade. O Ano Santo da Misericórdia nos faz recordar que Deus é misericórdia. Porque Deus é amor, porque é um Deus misericordioso, é um Deus que vem em nosso auxílio, que nos socorre e nos acolhe em seu perdão. E Jesus Cristo é a face da misericórdia do Pai”, disse Dom Geraldo na homilia.

Na Arquidiocese de Mariana as igrejas onde se poderão obter as indulgências do Ano Santo são: a Basílica da Sé, em Mariana, a Basílica de Nossa

Senhora do Pilar, em Ouro Preto, a Basílica de Bom Jesus, em Congonhas, a Basílica do Sagrado Coração de Jesus, em Conselheiro Lafaiete, a Basílica de São José, em Barbacena. Juntamente com os santuários e as igrejas que anualmente celebram o jubileu.

No final da celebração, Dom Geraldo convidou os fieis a procurarem identificar alguma família vítima do rompimento da barragem, por ocasião do Natal. O Jubileu Extraordinário da Misericórdia vai até o dia 20 de novembro de 2016, solenidade de Cristo Rei.

Natal em comunhão com os atingidos

DACOM

“Eu não posso deixar de dar esse conselho: que vocês fiquem unidos”, disse o arcebispo de Mariana, Dom Geraldo Lyrio Rocha, na celebração de Natal dos atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão, que ocorreu no dia 23 de dezembro, no Coliseu, em Mariana.

Dom Geraldo acrescentou, também, que estão todos no mesmo barco e é preciso lutar juntos. “Quando está todo mundo no mesmo barco, todos têm que lutar para que o barco não afunde. Todos os atingidos estão no mesmo barco. É preciso muita união, vocês não se deixem enganar, achando que sozinhos cada um vai resolver o seu problema. Fiquem unidos”, ressaltou.

A celebração, que reuniu cerca de 500 pessoas, foi presidida pelo arcebispo. Além dos padres das comunidades atingidas, outros padres de Mariana participaram da missa, que foi abrilhantada pelo o Coral Canta Comigo, de Paracatu de Baixo. Segundo a coordenadora do coral, Angélica Peixoto, participar dessa celebração foi muito motivador.



“Ver os jovens cantando nessa missa foi muito incentivador. Tanto para nós continuarmos a participar da Igreja e para encontrarmos forças em Deus e continuar nessa luta. Apesar de estar cada um para um canto, essa missa mostrou que ainda estamos unidos”, disse.

Após a missa, foi servido um jantar, acompanhado de uma apresentação musical dos atingidos de Bento Rodrigues, Zezinho e Irene, e distribuídos 120 kits da fé para famílias. Também foi entregue a comunidade de São Bento, a imagem de São Bento e Nossa Senhora da Paz. Uma imagem de Santo Antônio será entre-

gue para a comunidade de Paracatu.

Cláudia de Fátima, conta que essa é a segunda missa que ela participa depois da tragédia. “Eu estou me sentindo em casa, porque eu organizei a liturgia e estou podendo reunir minha família e meus amigos”, afirma.

Padre Reginaldo Coelho da Costa, que atende a comunidade de Paracatu, disse para as famílias não perderem a identidade e que esse Natal seja um momento forte de recomeçar. Também foram apresentadas orientações de como as comunidades vão continuar se reunindo.

NOMEAÇÕES E TRANSFERÊNCIAS

Mediante o parecer favorável do Conselho Presbiteral da Arquidiocese de Mariana, o Senhor Arcebispo Dom Geraldo Lyrio Rocha decidiu criar a Paróquia de São Sebastião, em Sem Peixe, e tendo ouvido o Conselho Episcopal, nomeou o Pe. Marcelo de Castro Valadão, Pároco da nova Paróquia.

Dioceses publicam declaração sobre a tragédia causada pelo rompimento da barragem de Fundão

As dioceses de Mariana, Itabira/Coronel Fabriciano, Caratinga, Governador Valadares e Colatina – se reuniram no dia 22 de dezembro, em Mariana e publicaram uma declaração sobre a tragédia socioambiental causada pelo rompimento da barragem de Fundão.

O documento chama atenção para as populações dos municípios atingidos nos estados de Minas Gerais e do Espírito Santo, bem como a fauna e a flora ao longo da bacia do Rio Doce e deixa claro que as dioceses estão ao lado dos atingidos.

“O encontro que hoje tivemos é de uma importância extraordinária e a discussão foi muito rica”, ressaltou o arcebispo de Mariana, Dom Geraldo Lyrio Rocha, que fez, também, questionamentos sobre as consequências e os responsáveis pela tragédia. “Que consequências para o Meio Ambiente essa tragédia vai deixar? Que consequências o mar vai sentir e já está sentido com os dejetos lá na foz do Rio Doce? Quais as implicações na saúde? Como a vida humana vai se desenvolver daqui para a frente? Porque tudo o que está sendo feito agora é provisório, e o amanhã, como será? Tudo isso nos traz muita preocupação. E uma coisa é séria: por trás de um fenômeno desse há responsáveis. Nós não estamos diante de uma catás-



Carol Vieira

trofe da natureza, mas diante de um grande desastre, que tem por trás a mão humana”, disse Dom Geraldo.

Para o bispo da Diocese de Colatina (ES), Dom Joaquim Wladimir, o encontro veio também para unificar a linguagem da Igreja. “Vamos ter uma mesma linguagem, mesma reflexão e mostrar que estamos do lado dos atingidos. Vamos caminhar juntos, ano que vem teremos uma avaliação no meio do ano, mostrando a força da Igreja com outras entidades, como a Cáritas, o Mab e com outros comitês, porque se unirmos forças, cada um entra com uma ideia, um projeto de mobilização, aí fica mais completo”, conta.

A reunião foi presidida por Dom Geraldo. Além dos bispos de cada diocese, participaram da reunião os coordenadores diocesanos de pastoral, os integrantes da Comissão do Meio Ambiente da

Província, Caritas Brasileira Regional Minas e Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB).

Propostas conjuntas

Durante a reunião foram apresentadas as realidades locais de cada diocese e elaboradas algumas ações que serão realizadas conjuntamente.

“Enquanto Igreja nós temos que zelar pelo bem comum, para que os direitos dos atingidos sejam respeitados. E também para uma maior conscientização da população católica, levando em consideração a Campanha da Fraternidade, para que nós todos sejamos responsáveis por construir um mundo melhor, começando com um maior respeito pelo Meio Ambiente e pensando uma ecologia integral, como diz o Papa Francisco”, comentou o bispo de Governador Valadares, Dom Antônio Carlos Felix.

Arquidiocese analisa critérios de utilização do fundo em apoio aos atingidos

O arcebispo de Mariana, Dom Geraldo Lyrio Rocha, se reuniu com os párocos das comunidades atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão em dezembro, no Centro Arquidiocesano de Pastoral, em Mariana, para analisar os critérios de utilização do fundo criado para atender aos moradores destas comunidades e as próximas ações da Arquidiocese em favor dos atingidos.

Após o acontecimento da tragédia, no dia 5 de novembro, a Arquidiocese disponibilizou uma conta bancária para receber doações que têm chegado de todo o Brasil. O grupo decidiu que definirá a aplicação dos recursos após o fim das ações emergenciais

que estão sendo feitas nesse primeiro momento para atender aos atingidos.

Realidade das comunidades

Durante a reunião, foi apresentada a situação atual dos atingidos que estão no processo de mudanças para casas provisórias com aluguel pago pela Samarco. O pároco de Barra Longa, padre Weller-son Magno Avelino, disse que a cidade foi fortemente atingida e que as pessoas estão convivendo direta e diariamente com a poeira da lama.

O coordenador arquidiocesano de pastoral, padre Geraldo Martins, chamou a atenção para o momento atual em que muitos grupos já não se fazem presentes como no

início da tragédia. “Quando os outros se afastam, a Igreja precisa ter uma presença contínua”, ressaltou.

A atuação do Movimento de Atingidos por Barragem (MAB), desde o primeiro momento, foi vista como uma importante parceria na articulação dos atingidos.

Próximas ações

Entre as preocupações da Arquidiocese está a inserção dos atingidos junto às comunidades paroquiais. A proposta é que as famílias não percam seus laços paroquiais e continuem unidas em suas comunidades. Dom Geraldo reforçou que a Igreja que está claramente ao lado dos atingidos.

GIRO RÁPIDO

ANO DA MISERICÓRDIA E DA ESCUTA

Foi promovido, em dezembro, o 2º Encontro Arquidiocesano dos Coordenadores Paroquiais de Pastorais. Assessorado pelo coordenador arquidiocesano de pastoral, padre Geraldo Martins, o encontro reuniu mais de 90 pessoas no Colégio Providência, em Mariana.

Além de debaterem sobre o Ano da Misericórdia e o Ano da Escuta, os participantes discutiram sobre a construção do novo Projeto Arquidiocesano de Evangelização (PAE) e o texto base, que foi aprovado na 23ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral, no mês de novembro.

“A presença dos coordenadores é muito importante, porque tomam conhecimento de qual é a proposta da Arquidiocese e assim eles assumem o compromisso de dinamizar essa proposta nas paróquias e se tornam cada vez mais, uma referência da ação pastoral que nós queremos”, explica padre Geraldo. O Encontro Arquidiocesano dos Coordenadores Paroquiais de Pastorais acontece a cada dois anos. A próxima edição será em 2017.

ANO DA PAZ

De branco, cerca de 2000 pessoas das quatro paróquias de Viçosa, Região Pastoral Mariana Leste, participaram do encerramento do Ano da Paz, promovido pela CNBB, no dia 20 de dezembro. Com caminhada e celebração eucarística, a ação foi coordenada pelas paróquias de Santa Rita de Cássia, Nossa Senhora do Rosário de Fátima, São Silvestre e São João Batista com o objetivo de ressaltar a campanha contra a morte de jovens em decorrência do tráfico de drogas.

De acordo com o padre Tiago da Silva Gomes o manifesto foi um momento eclesial para pedir pela paz e cobrar respostas dos órgãos públicos, principalmente em relação às mortes de jovens em Viçosa. Estiveram presentes os párocos, vigários paroquiais, diáconos, seminaristas, religiosas e o coordenador arquidiocesano de pastoral, padre Geraldo Martins Dias, que presidiu a celebração.

SEMANA MISSIONÁRIA

Os seminaristas do curso de Teologia do Seminário São José, juntamente com leigos e padres da Arquidiocese de Mariana, realizaram, entre os dias 30 de novembro a 6 de dezembro, a Semana de Animação Missionária na paróquia de Santo Antônio, na cidade de Santo Antônio do Jacinto, Diocese de Almenara, no Norte de Minas.

A missão teve como foco visita às famílias, as escolas, aos enfermos e afastados da comunidade, a articulação e a implementação dos grupos de reflexão, como referencial para o trabalho pastoral nas Comunidades Eclesiais de Base. Para que isto se efetivasse foram realizados momentos formativos para conscientizar as pessoas sobre a importância de refletir a palavra de Deus no contexto da vida diária. Durante a semana missionária, além das visitas, foram dinamizados nas comunidades diversos encontros: com os jovens, os casais e as crianças.

FAM

A Faculdade Arquidiocesana de Mariana (FAM) está com inscrições abertas para cursos de extensão nas cidades de Barbacena, Itabirito e Mariana. Mais de dez cursos estão sendo ofertados entre as cidades. As aulas terão início no dia 1º de março e as vagas são limitadas. Para mais informações, os interessados devem entrar em contato com a localidade em que deseja realizar a formação.

Confira quais cursos cada cidade está oferecendo: **Barbacena:** Filosofia, Teologia Cristã e Psicologia Relacional. Inscrições pelo (32) 3331- 1151 ou pelo e-mail: região_sul@yahoo.com.br.

Itabirito: Teologia Cristã. Inscrições pelo (31) 3561 – 1936 ou pelo e-mail informativo paroquial@yahoo.com.br.

Mariana: Filosofia, Teologia Cristã e Psicologia Relacional, Libras, técnicas para falar em público, Redação Oficial, Técnicas de Redação Jornalística, Secretariado, Arquivística, elaboração e gestão de projetos para o terceiro setor. Inscrições pelo (31) 3558- 1439 ou pelo e-mail secretaria@famariana.edu.br.

Cuidando da Casa Comum

“Casa Comum, nossa responsabilidade”, este é o tema da Campanha da Fraternidade Ecu- mênica de 2016, que traz ainda o lema bíblico apoiado em Amós 5,24 que diz: “Quero ver o direi- to brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca”. O objetivo principal da iniciativa é chamar atenção para a questão do saneamento básico no Brasil e sua importância para garantir desenvolvimento, saúde integral e qualidade de vida para todos. A proposta está em sintonia com a Encíclica do Papa Francisco, “*Laudato Si*”.

As reflexões sobre o sanea- mento básico contidas no texto base demonstram que esse é um direito humano fundamental e, como todos os outros direitos, requer a união de esforços entre sociedade civil e poder público no planejamento e na prestação de serviços e de cuidados. Por isso é uma Campanha Ecu- mênica, pois a ques- tão do Saneamento afeta não apenas católicos, mas todas as pessoas, independentemente da fé que professam.

Segundo o texto, o abastecimento de água potável, o esgoto sanitário, a limpeza urbana, o manejo de resíduos sólidos, o controle de meios transmissores de doenças e a drenagem de águas pluviais são medidas necessárias para que todas as pessoas possam ter saúde e vida dignas. Por isso, há que se ter em mente que “justiça ambiental” é parte integrante da “justiça social”.

Segundo o presidente do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs – CONIC e bispo da Igreja Anglicana, dom Flávio Irala, a expectativa é que a Campanha da Fraternidade de 2016, surta bons resultados no trato com a “Casa Comum”. “As reflexões sobre o saneamento básico conti- das no texto-base demonstram que esse é um direito humano fundamental e, como todos os outros direitos, requer a união de esforços entre sociedade civil e poder público no planejamento e na prestação de serviços e de cuidados.



Trata Brasil

Campanha da Fraternidade Ecu- mênica 2016 chama a to- dos para o cuidado com o planeta e, tendo como inspiração a encíclica do Papa Francisco, apresenta a ausência de saneamento básico como fator a ser combatido.

Desejamos que o texto-base contribua para mobilizar e criar espaços ecumênicos de com- prometimento com a Casa Comum. Acredita- mos que um mundo de justiça e direito precisa ser construído assim: coletivamente, somando as criatividade, os talentos e as experiências em benefício do bem comum. Que essa Campa- nha da Fraternidade fortaleça a fé e a esperança de uma ‘Casa Comum’, em que o direito brote como fonte e a justiça qual riacho que não seca”, destacou o bispo.

O texto-base da Campanha da Fraternidade é dividido em cinco partes, a partir do método “ver, julgar e agir”. Ao final, são apresentados os objetivos permanentes da Campanha, os temas anteriores e os gestos concretos previstos duran- te a Campanha 2016.

Para “VER” o problema

As escolhas das atitudes para a preservação da vida no planeta Terra devem ser orientadas por critérios coerentes com o propósito de mais justi- ça e paz. Tais escolhas devem contribuir para a superação das desigualdades e das agressões à

criação. Por isso, hoje, as preocu- pações e conseqüentes ações no âmbito do saneamento passam a incorporar não só questões de ordem sanitária, mas também de justiça social e ambiental. É, por- tanto, necessária e urgente que as ações para a preservação ambiental busquem também cons- truir a justiça, principalmente para os pequenos e pobres.

Estudos estimam que morre no mundo uma criança a cada 3 minutos por não ter acesso a água potável, por falta de redes de esgoto e por falta de higiene. Segundo o instituto Trata Bra- sil, são mais de 1,5 milhão de crianças mortas anualmente, em todo mundo, por doenças de diarreia. Crianças com diarreia comem menos e são menos ca- pazes de absorver os nutrientes dos alimentos, o que as torna ainda mais suscetíveis a doenças relacionadas com bactérias. O

problema se agrava, pois as crianças mais vul- neráveis à diarreia aguda também não têm aces- so a serviços de saúde capazes de salvá-las. Am- pliando a questão da saúde para todas as faixas etárias, em 2013, segundo o Ministério da Saúde (DATASUS), foram notificadas mais de 340 mil internações por infecções gastrointestinais no país. Se 100% da população tivesse acesso à co- leta de esgotos sanitários haveria uma redução em termos absolutos de 74,6 mil internações.

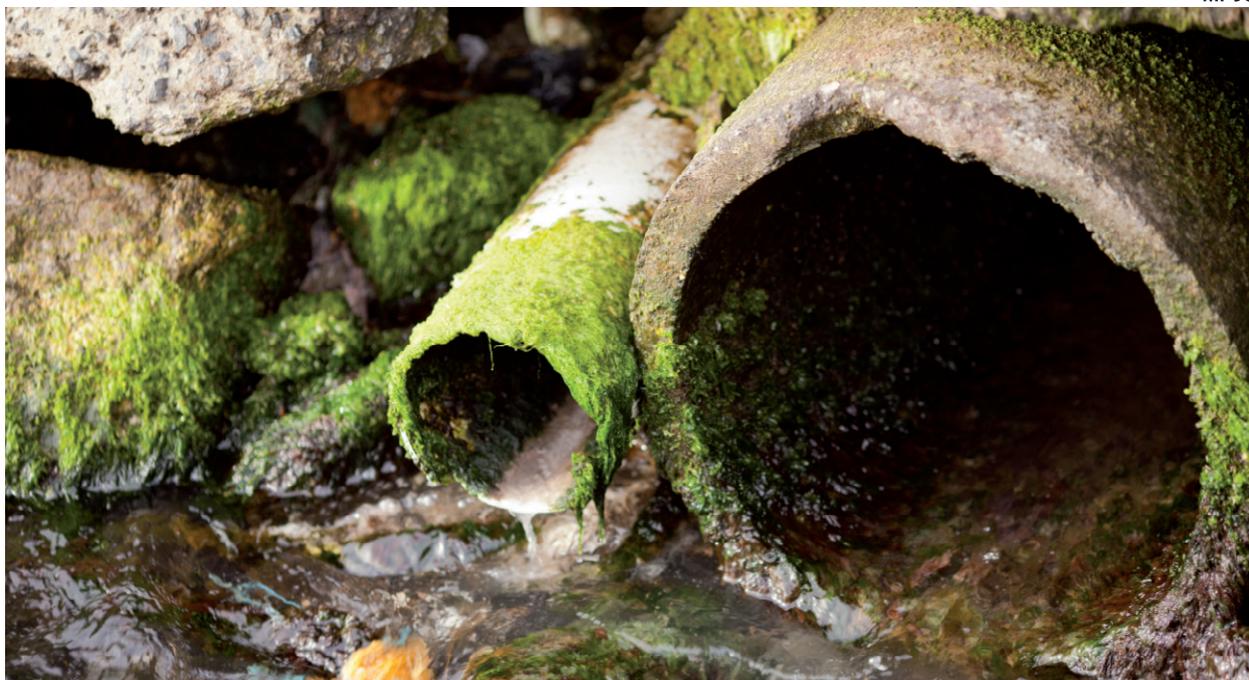
Os últimos dados do SNIS (Sistema Nacio- nal de Informações sobre Saneamento Básico – base 2013) mostram que pouco mais de 82% da população brasileira têm acesso à água tra- tada. Mais de 100 milhões de pessoas no país ainda não possuem coleta de esgotos e apenas 39% destes esgotos são tratados, sendo despeja- dos diariamente o equivalente a mais de 5 mil piscinas olímpicas de esgoto sem tratamento na natureza.

Alguns dados mundiais sobre o saneamento

- No mundo, um bilhão de pessoas fazem suas necessidades a céu aberto.
- Mais de 4.000 crianças morrem por ano por falta de acesso a água potável e ao saneamen- to básico.
- Na América Latina, as pessoas têm mais aces- sos aos celulares que aos banheiros.
- 120 milhões de latino-americanos não têm acesso aos banheiros.

Alguns dados do Brasil sobre saneamento

- Cada brasileiro gera em média 1 quilo de re- síduos sólidos diariamente. Só a cidade de São Paulo gera entre 12 a 14 mil toneladas diárias de resíduos sólidos.
- As 13 maiores cidades do país são responsá- veis por 31,9% de todos os resíduos sólidos no ambiente urbano brasileiro.



MPSC

Vamos “JULGAR” nossas atitudes?

Quando falamos do bem comum, não podemos restringi-lo somente à relação dos seres humanos entre si, mas também destes com a natureza, que deve ser cuidada com gratidão e respeito. E o uso da natureza e de todos os bens materiais deve acontecer de forma justa e voltada para a construção de uma coletividade com mais igualdade, ao invés de serem utilizados para suprir a ganância de alguns.

A escolha do texto de Amós (“Quero ver o direito brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca” – Amós 5,24) não é por acaso. Amós fundamenta sua pregação profética numa denúncia social aguda, chamando a atenção para um progresso econômico que não se traduz em igualdade e justiça para todos. Sua denúncia aponta para uma situação de caos social, onde as relações afetivas se romperam.

Garantir os direitos essenciais para a vida humana e cuidar bem do planeta, são partes fundamentais da justiça exigida por Deus. Quando isso não acontece, diz o profeta Isaías que as feras, as aves do céu e até os peixes do mar desaparecem (Oséias 4,1-3).

Para dom Flávio Irala, a CFE 2016 propõe um momento de reflexão. “Com este tema e lema, duas dimensões básicas para a subsistência da vida são abarcadas em um só tempo: o cuidado com a criação e a luta pela justiça, sobretudo dos países pobres e vulneráveis. Queremos instaurar processos de diálogos que contribuam para a reflexão crítica dos modelos de desenvolvimento que têm orientado a política e a economia, a partir de um problema específico que afeta o meio ambiente e a vida de todos os seres vivos, que é a fragilidade e, em alguns lugares, a ausência dos serviços de saneamento básico em nosso país”, diz dom Flávio.

AGIR em comunidade

As Campanhas da Fraternidade Ecumênicas fortalecem os espaços de convivência entre as diferentes Igrejas. O diálogo e o trabalho conjunto em favor do bem comum são testemunhos importantes que podemos oferecer para a sociedade. Afinal, Jesus sempre se colocou aberto à escuta, às partilhas e a uma boa roda de conversa. Por isso, esta Campanha da Fraternidade Ecumênica deve nos motivar a irmos ao encontro de todas as pessoas – católicas, evangélicas, espíritas, outras religiões e até mesmo não crentes – para que encontremos ações conjuntas que favoreçam o cuidado com a nossa Casa Comum.

Pela quarta vez a Campanha da Fraternidade é realizada de forma ecumênica. As outras três tiveram os seguintes temas:

- Ano 2000 – Dignidade Humana e paz – Novo Milênio sem exclusões
- Ano 2005 – Solidariedade e Paz – Felizes os que promovem a Paz
- Ano 2010 – Economia e Vida – Vocês não podem servir a Deus e ao dinheiro

A Campanha da Fraternidade de 2016 reunirá outras igrejas cristãs além da Católica. Como nas três versões anteriores, a ação será coordenada pelo CONIC, que é composto a Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia e Igreja Presbiteriana Unida.

Uma das novidades para esta IV edição é que ela contará com a participação da Misereor – entidade episcopal da Igreja Católica da Alemanha que trabalha na cooperação para o desenvolvimento na Ásia, África e América Latina.

O texto base e todos os materiais relativos à Campanha da Fraternidade 2016 podem ser adquiridos no site www.edicoescnbb.com.br/cfe2016.

Com informações do Conic, CNBB e Instituto Trata Brasil e portal Kairós

ESGOTAMENTO SANITÁRIO INADEQUADO E IMPACTOS NA SAÚDE DA POPULAÇÃO

UM DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO NOS 81 MUNICÍPIOS BRASILEIROS COM MAIS DE 300 MIL HABITANTES



NAÇÕES POBRES E EM DESENVOLVIMENTO, COMO O BRASIL, SÃO AS QUE MAIS SOFREM COM DOENÇAS RELACIONADAS A SISTEMAS DE ÁGUA E DE ESGOTO INADEQUADOS



Nossa esperança vem dos pequenos

A melhor água vem das pequenas fontes. A água que chega às nossas casas vindas dos grandes rios passam ou deveriam passar por um grande processo de purificação.

A edição anterior (n. 262) do Jornal Pastoral trouxe a capa escura, numa demonstração de luto em solidariedade às famílias atingidas pelas barragens Fundão e Santarém, no Município de Mariana, sobretudo aqueles que perderam entes queridos. Nessa edição tratou-se, de forma ampla e clara a questão do desrespeito ao ser humano, em vista do lucro. A Igreja, as organizações sérias e as pessoas de bom senso têm alertado sobre os perigos a que estamos expondo nosso planeta.

Este ano (2016), a Campanha da Fraternidade tem por tema: “Casa Comum, nossa responsabilidade” e por lema: “Quero ver o direito brotar como fonte a correr como a justiça qual riacho que não seca” (Am 5,24). Um grande proprietário de terras, que destruiu, gananciosamente, a natureza, disse aos fiscais do meio ambiente: “Podem multar, a terra é minha e eu faço dela o que eu quiser”. Vivemos numa sociedade que pouco tem de social. O eu está se tornando a pequena palavra mais usada: Eu quero. Eu mereço. Eu preciso. Eu faço. Eu tenho. É mEU. O ser humano não está percebendo sua dependência dos outros. O tal proprietário de terras não percebeu que a roupa que vestia foi feita pelos outros, o trator que operava foi construído pelos outros, o almoço que acabara de comer foi feito pelos outros. É uma cegueira tal que não percebe que sua vida se torna desumana sem os humanos, sem os OUTROS.

Ainda lembrando a edição anterior deste jornal, nele ficou bem claro que o direito e a justiça dificilmente virão dos grandes. O direito deve brotar como uma pequena fonte. Deve ser como uma nascente que brota pequenina do coração da mãe terra. O direito nasce no coração do homem e da mulher que olha com alegria e gratidão as belezas da irmã natureza e sorri agradecido pela grande casa comum.

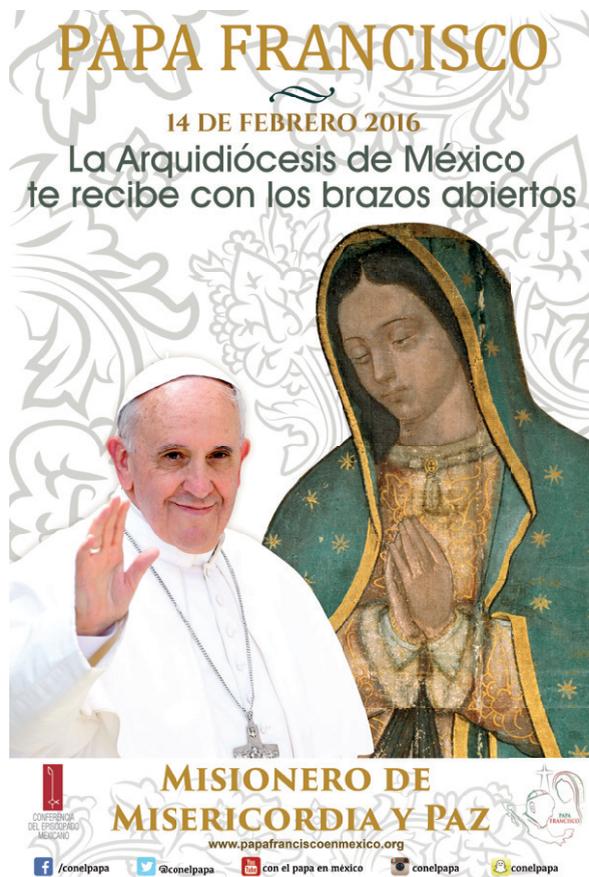
Queremos ver “a justiça qual riacho que não seca”. A justiça não virá dos grandes, mas dos pequenos que conhecem seus direitos e se unem na luta pela conquista dos mesmos. Conta-se que os pequenos peixes fizeram uma assembléia e a grande preocupação era com os peixes grandes que os engoliam aos milhares. Como conclusão prioritária da assembléia decidiram que todos os participantes iriam manter-se unidos e convocar todos a peixinhos para dar uma lição ao peixe grande. Marcaram o local do encontro. Quando veio o peixe grande com aquele “bocão”, saíram da frente e o atacaram por trás e pelos lados. E o grande teve que fugir.

Numa casa comum, numa casa de família ou numa comunidade todos somos responsáveis por tudo e por todos. A conservação da casa é muito importante, pois depois de nós vêm outros: filhos, netos, bisnetos... Não são os grandes com suas leis e imposições que vão preservar a beleza deste planeta terra, mas nossa consciência reta, nosso senso de justiça e uma grande união na construção do bem comum.

Quando caíram as torres gêmeas nos Estados Unidos todos os jornais do mundo noticiaram a morte de umas quatro mil pessoas. No mesmo dia morreram de fome mais de onze mil crianças menores de cinco anos. Quem ficou sabendo disto? Quando falamos de cuidado com o ser humano nos referimos a todos os seres humanos: também o morador de rua, o mendigo, o empobrecido, o marginalizado, o viciado, o banido da sociedade. O planeta é anterior ao ser humano. Somos migrantes nesta terra. Fomos acolhidos pelos demais seres vivos. Eles vieram milhões de anos antes de nós e não temos o direito de eliminá-los. Também sem eles nossa vida no planeta se torna inviável. Não há alternativa: ou cuidamos da natureza, da nossa casa comum ou morreremos todos com ela.

.....
Pe. Luiz Faustino dos Santos
Barão de Cocais / MG

México: próximo destino do papa Francisco



co e se encontrará com uma comunidade indígena em San Cristobal de Las Casas, no sul do país.

O pontífice também prometeu passar por Ciudad Juárez na fronteira com os EUA, onde deverá visitar uma prisão e celebrar uma outra missa. Esta região fronteiriça se transformou num ponto focal do debate sobre a imigração, destacado pelo papa em sua visita aos EUA em setembro passado.

Além disso, os moradores da Ciudad Juárez vêm sofrendo com umas das maiores ondas de violência como decorrência da guerra entre cartéis e o Estado com relação às drogas, conflito que já matou milhares de pessoas.

Sobre a ida do Papa à comunidade indígena em San Cristobal, o bispo Felipe Arizmendi Esquivel, que receberá Francisco, disse que a visita é uma “carícia de Deus aos indígenas”. Em entrevista ao site Religion Digital, ele falou ainda que Francisco quer mesmo “estar nas periferias existenciais”. Leia trechos da entrevista feita pelo jornalista José Manuel Vidal:

O que sentiu quando soube pela primeira vez que o Papa Francisco ia ao México e a Chiapas?

Foi uma surpresa. Nunca imaginei que ele quisesse vir a San Cristóbal. Quando foi anunciado que viria ao México, mandamos à Conferência Episcopal nosso pedido de que nos visitasse, mas não tínhamos muitas esperanças de que nossa proposta fosse

aceita. Quando se definiu que viria à nossa diocese, o vi como uma carícia de Deus para com os indígenas, como um sinal de que o Papa é coerente com seus discursos: quer estar nas periferias existenciais. Nos sentimos todos privilegiados.

Chiapas, Morelia, Ciudad Juárez, uma vez mais, o Papa busca as periferias geográficas e existenciais?

O Papa tem demonstrado isso nas visitas a outros países e em seus gestos diários para com os excluídos. Não tem ido nem à sua pátria. De nossa América Latina, escolheu Equador, Bolívia e Paraguai, que são os países mais pobres. Quando teve de ir aos Estados Unidos, quis passar por Cuba, pela transição que vive este país. Chiapas é uma das periferias do México, não somente por sua distância geográfica do Centro, senão pelos atrasos e pelas marginalizações que subsistem.

O que vai encontrar Francisco em sua diocese?

Uma diocese majoritariamente indígena, com 75% de sua população pertencente a povos originários: quase 500 mil tseltales; uns 400 mil tsotziles; mais de 150 mil chöles; 55 mil tojolabales; 25 mil zoques; mais outros pequenos grupos originários de Guatemala, que se estabeleceram na fronteira sul: quekchies, mames, kakchiques, quichés, etc.

Ficam pegadas do Padre Las Casas ou do bispo Samuel Ruiz?

Sendo uma diocese majoritariamente indígena, todos os bispos anteriores, junto com os sacerdotes e religiosas, sentimos a imperiosa necessidade de comprometer-nos em sua

defesa, em sua promoção integral, em sua evangelização. É a prioridade do Evangelho e que nos esforçamos por viver na Igreja, aqui e em todos os lugares. Se alguém não faz uma opção pelos pobres, neste caso pelos indígenas, não entendeu a Jesus.

Continuam descartados os indígenas no México?

Os indígenas estão em um processo de mudança cultural, positivo e negativo. Positivo, porque assumem o bom do progresso geral do país, saem, estudam, procuram trabalho, não se casam tão jovens, usam o celular e os meios modernos de comunicação. Negativo, porque muitos perdem suas raízes e valores, contagiando-se do individualismo e do egoísmo do mundo atual; já não querem falar seu idioma, nem seguir os bons costumes de seus antecessores. Em várias partes do país, os indígenas são descartados; em outras, eles sabem e defendem seus direitos, e não permitem que outros decidam por eles; exigem ser tomados em conta. Em nossa diocese, são eles que conduzem o mais forte da evangelização. A maioria de catequistas e servidores das comunidades é indígena.

A revolução tranquila do Papa Francisco é imparável e irreversível?

O Evangelho tem uma força incrível, e o que o Papa Francisco nos está recordando é somente o essencial do Evangelho: a misericórdia, o amor aos pobres, a simplicidade, o serviço, etc. Não faltam, sobretudo na Europa, pessoas que resistem à revolução do Papa, mas entre nós há uma grande aceitação, e esperamos que sua visita não seja um evento folclórico e anedótico, senão que nos confirme na fé e nos impulse ao amor fraterno.

2016: “Um ano de muita luta”, diz o secretário geral da CNBB

CNBB - EBC

“Queremos agradecer a Deus pelo ano que passou. Apesar das dificuldades, esperamos muitas bênçãos em 2016, para continuarmos a evangelizar, anunciar e testemunhar a alegria da presença de Deus no meio de nós”, disse o bispo auxiliar de Brasília (DF) e secretário geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Leonardo Steiner, em entrevista ao programa de televisão Igreja no Brasil, produzido pela CNBB e exibido em diversas emissoras católicas pelo Brasil.

“Para nós, como Igreja, o início do Ano Novo é Jesus. O nascimento de Deus, no mundo, representa um novo tempo. É bonito pensarmos que o ano é um tempo e espaço dados por Deus, não apenas cronológico. O tempo que Deus nos deu para 2016 é o tempo da misericórdia”, explicou o bispo.

Sobre as ações da CNBB em 2016, dom Leonardo revela que os trabalhos serão direcionados à missão evangelizadora. “Estamos crescendo no Brasil com a presença de uma Igreja missionária. Que bonito ver os leigos partici-

pando cada vez mais da ação evangelizadora, não apenas na comunidade, mas também buscando diálogo em diversos níveis da sociedade. Por isso, este ano, queremos ser um Igreja missionária e misericordiosa”, afirma.

Avaliações e avanços

Em 2015, diversas atividades foram realizadas pela Igreja no Brasil, em unidade com as dioceses, paróquias e comunidades. De acordo com dom Leonardo, a CNBB, representada pelo episcopado brasileiro e igrejas particulares, teve presença efetiva na vida da sociedade, como a não aprovação da redução da maioria penal e a não participação das empresas no financiamento das eleições no país.

“Foram grandes passos na política brasileira e também representam a importância do nosso trabalho, enquanto Conferência, na sociedade”, acrescenta dom Leonardo. O bispo falou, ainda, que a CNBB tem a missão de contribuir com a vida política do país, sugerindo caminhos para o enfrentamento da crise



e outras dificuldades, sempre na busca de melhorias.

“Nós sempre vamos trabalhar em prol da dignidade das pessoas, especialmente em relação aos nossos pobres. Quem mais sofre com a crise política e econômica são os pobres”, ressaltou.

Na visão do bispo, este novo ano será

de muito trabalho. “Que tenhamos um ano cheio de bênção, de muita luta e leitura da Palavra de Deus. Possamos ser cristãos levando a presença misericordiosa de Deus na sociedade e comunidades onde vivemos”, concluiu.

Assista a íntegra da entrevista no site <https://youtu.be/E2ce--qxCPo>.

Vamos viver a Misericórdia do Senhor?

“Misericórdia, Senhor, misericórdia; Misericórdia”. São muitas as comunidades que entoam esse refrão meditativo, pedindo ao Senhor da vida e da história que ouça o lamento, que brota do coração arrependido do povo, na certeza de que Ele, que é compassivo e misericordioso recolhe nossas misérias, semeando no coração da humanidade o compromisso de amar, perdoar e servir. Para compreendermos melhor o sentido da misericórdia Santo Agostinho assim a define: “A misericórdia é a compaixão que o nosso coração experimenta pela miséria alheia, que nos leva a socorrê-la, se o pudermos”. Para fazermos essa experiência de fé eis um grande momento: o Papa Francisco anunciou o Jubileu do Ano Santo da Misericórdia por meio da Bula de Proclamação *Misericordiae Vultus* (O Rosto da Misericórdia).

O Jubileu iniciou em 8 de dezembro de 2015 e se concluirá no dia 20 de novembro de 2016, com a Solenidade de Jesus Cristo Rei do Universo. Na Bula *Misericordiae Vultus*, o Papa Francisco sugere algumas iniciativas que podem ser vividas em diferentes etapas: realizar peregrinações; praticar as



obras de misericórdia; intensificar a oração; passar pela Porta Santa em Roma ou na Diocese; perdoar a todos; buscar o Sacramento da Reconciliação; superar a corrupção; receber a indulgência; participar da Eucaristia; fortalecer o ecumenismo; converter-se.

Para esse Ano Santo que se iniciou, uma boa maneira de se preparar é **entregando-se inteiramente a Deus, pelas mãos da Santíssima Virgem**, invocada pela Igreja como *mater misericordiae* (“mãe de misericórdia”). Ela entregou na Cruz o seu próprio Filho e recebeu em troca, esses filhos leprosos, que somos nós (Jo 19, 25s). Ela, disse sim ao projeto salvífico do Pai e ensina-nos a silenciar. Ainda que

sejamos pecadores, porém, Deus não nos quer convivendo com o pecado, como se fôssemos feitos para viver no egoísmo e na miséria. O Cardeal Mauro Piacenza, recordou que a verdade e a misericórdia sempre andam juntas. Não se pode dizer aos seres humanos, criados para voar como as águias, que comecem a rastejar como as serpentes. A verdadeira misericórdia é tirar as pessoas da baixa em que se encontram e colocá-las diante da maravilhosa “vocação universal à santidade”,

anunciada pelo Concílio Vaticano II; é colocar as pessoas diante de seu autêntico chamado para o alto, para o amor, para a vida eterna. A verdadeira misericórdia para com o pecador é fazer dele um santo; é dizer-lhe o que disse Nosso Senhor à mulher adúltera: “Eu também não te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais” (Jo 8, 11) ou “sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36).

Na misericórdia temos a prova de como Deus ama. Sua entrega é total, de forma gratuita, sem esperar nada em troca. É um convite a abirmos o coração para aqueles que vivem de forma indigna, numa vida de sofrimento e dor. É estar aberto para ajudar a curar as feridas do povo que busca a vida em abundância oferecida pelo mestre. É praticar o bem e semear a solidariedade. É deixar-se modelar pela graça do divino e fazer a diferença na vida do irmão. O mundo está carente; o egoísmo e o individualismo são as marcas da humanidade, que clama por misericórdia. Que não deixemos passar a oportunidade de fazer a experiência do ano jubilar.

Que a oração preparada para esse momento permaneça em nossos lábios para assim rezarmos com fé: “*Senhor Jesus Cristo, Vós que nos ensinastes a ser misericordiosos como o Pai celeste, e nos dissestes que quem Vos vê, vê a Ele. Mostrai-nos o Vosso rosto e seremos salvos. O Vosso olhar amoroso libertou Zaqueu e Mateus da escravidão do dinheiro; a adúltera e Madalena de colocar a felicidade apenas numa criatura; fez Pedro chorar depois da traição, e assegurou o Paraíso ao ladrão arrependido. Fazei que cada um de nós considere como dirigida a si mesmo as Palavras que dissestes à mulher samaritana: Se tu conhecesses o dom de Deus! Vós sois o rosto visível do Pai invisível, do Deus que manifesta sua onipotência, sobretudo com o perdão e a misericórdia: fazei que a Igreja seja no mundo o rosto visível de Vós, seu Senhor, Ressuscitado e na glória. Vós quisestes que os Vossos ministros fossem também eles revestidos de fraqueza para sentirem justa compaixão por aqueles que estão na ignorância e no erro: fazei que todos os que se aproximarem de cada um deles se sintam esperados, amados e perdoados por Deus. Enviai o Vosso Espírito e consagrai-nos a todos com a sua unção para que o Jubileu da Misericórdia seja um ano de graça do Senhor e a Vossa Igreja possa, com renovado entusiasmo, levar aos pobres a alegre mensagem proclamar aos cativos e oprimidos a libertação e aos cegos restaurar a vista. Nós Vo-lo pedimos por intercessão de Maria, Mãe de Misericórdia, a Vós que viveis e reinais com o Pai e o Espírito Santo, pelos séculos dos séculos. Amém!*”



Para refletir com seu grupo ou equipe pastoral

1. Como você está se preparando para viver o Ano Santo da Misericórdia?
2. Este é um assunto que está sendo discutido nas pastorais que integram a sua comunidade?
3. De que forma você espera vivenciar os passos propostos pelo Papa Francisco junto com a sua paróquia?
4. Perdoar e se reconciliar com Deus e com o próximo são dois aspectos importantes para se viver profundamente o Ano Santo da Misericórdia. Você tem praticado o perdão e a reconciliação?

Vera Fontes
Paróquia Nossa Senhora da Assunção
Barbacena - RMS

INÍCIO DA VIDA PÚBLICA DE JESUS

Reprodução

2º Domingo do Tempo Comum
(17/1)

Leituras bíblicas: Is 62,1-5 / Sl 95 / 1Cor 12,4-11 / Jo 2,1-11.

A liturgia de hoje registra a passagem da Antiga para a Nova Aliança. Jesus é o noivo que entra em cena para inaugurar esse novo e eterno ‘casamento’ entre Deus e a humanidade. Maria faz parte da Antiga Aliança, mas traz o novo e o apresenta. Ela já “estava lá”. Jesus é convidado. Sua presença é transformadora. Traz vida e alegria em abundância. Mas conta também com a nossa colaboração para a construção do novo Reino, cada um com seu dom, animado pelo Espírito. É Maria quem nos alerta: “Fazei tudo o que ele vos disser”.

Dicas: Preparar o ambiente com talhas de água e vinho. Usar também símbolos do casamento. Realçar a presença intercessora de Maria. Especialmente na Celebração da Palavra, dialogar o evangelho. Organizar a procissão das oferendas, com o pão e o vinho.

3º Domingo do Tempo Comum
(24/1)

Leituras bíblicas: Ne 8,2-10 / Sl 18B / 1Cor 12,12-30 / Lc 1,1-4;4,14-21.

O Ano C procura aprofundar o Evangelho de Jesus Cristo a partir de Lucas. Ele narra a vida, a obra e o ensinamento de Jesus no terceiro evangelho, mas também narra a vida e a ação da Igreja no seu início, com os Atos dos Apóstolos. O destinatário desta mensagem é ‘Teófilo’, ou seja, quem é ‘amigo de Deus’.

É o próprio Lucas que garante: o texto assinado por ele é fruto do testemunho de pessoas fidedignas e testemunhas oculares do que Jesus fez e ensinou. É o resultado de um “estudo cuidadoso”. Como se dirige mais aos pagãos, a um público que



não conhecia a cultura, a língua, os costumes, a Lei judaica, seu texto é mais fácil e acessível a nós, que estamos na mesma condição.

Educados e orientados pela Palavra e pelo Pão, ungidos e unidos pelo Espírito, formamos o novo Corpo de Cristo, para garantir sua presença e ação salvadora no mundo, no ‘hoje’ da nossa história.

Dicas: Antes da liturgia da Palavra, fazer uma entrada festiva da Bíblia (Lecionário). Enfeitar de modo particular a mesa da Palavra. Cuidar para que a primeira leitura transmita a solenidade do texto. Dialogar o evangelho, dando ênfase à proclamação de Jesus, para que seja pausada e solene. Pode-se também ilustrar o ambiente com uma figura do corpo humano, realçando seus vários membros.

4º Domingo do Tempo Comum
(31/1)

Leituras bíblicas: Jr 1,4-5.17-19 / Sl 70 / 1Cor 12,31 – 13,13 / Lc 4,21-30.

A postura e o ensinamento de Jesus nunca foram tranquilos. Ele provoca a ruptura com um jeito an-

tigo e vazio de viver a fé e praticar a Lei. Quer dar um sentido novo. Mas toda mudança desinstala, incomoda, sobretudo quando toca nas estruturas. Os evangelistas mostram que Jesus, desde o início da sua vida pública, gerou conflitos, enfrentou oposições, foi perseguido. E também, já no começo do evangelho de Mateus, declarou que são bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça. Por isso, o profeta não pode ter medo. Podem fazer guerra contra ele, mas não prevalecerão. Deus é o defensor dos que lutam pela justiça e espalham o amor.

Dicas: Destacar o papel do profeta. Levar para a celebração nomes e a história de pessoas, inclusive da comunidade, que exercem a profecia. Na homilia ou na comunhão, cantar “O Amor é dom supremo”, do Frei Fabretti.

5º Domingo do Tempo Comum
(7/2)

Leituras bíblicas: Is 6,1-8 / Sl 137 / 1Cor 15,1-11 / Lc 5,1-11.

Jesus tem consciência de que a ta-

refa da evangelização e da construção do Reino é imensa e desafiadora. Sabe que, mesmo sendo Filho de Deus, precisará de mãos, pés, bocas e corações para a missão. Por isso, começa o seu trabalho buscando operários e companheiros. Gente que seja capaz de deixar tudo para estar com ele e ser parceira na sua obra.

Não escolhe os puros, mas purificaos que chama. Sabe que terá com ele pessoas frágeis e limitadas, mas oferece a abundância da sua graça e a força da Palavra. A pergunta de Deus ecoa em todos os tempos e por todos os cantos da terra: “Quem enviarei? Quem irá por nós?”. Sempre haverá pessoas de fé capazes de se doar e responder: “Aqui estou! Envia-me”. Gente que poderá repetir com Paulo: “Pela graça de Deus sou o que sou. E essa graça em mim não foi estéril”.

Dicas: Ilustrar o ambiente com símbolos ligados à vocação. Na entrada da igreja, colocar um cartaz com a frase: “Eis-me aqui! Envia-me!”. Pode-se também colocar lado a lado uma rede de descanso e uma de pesca, com os dizeres: “Deixe sua rede e venha lançar as redes”.



Reprodução

Reprodução

CELEBRANDO O TEMPO COMUM

Reprodução

O chamado “Tempo Comum” compreende o período de 33 ou 34 semanas, durante as quais não celebramos nenhum aspecto particular do mistério de Cristo (como o fazemos no Natal e na quaresma). Trata-se de uma oportunidade que a Igreja nos oferece para aprofundarmos e ‘ruminar’ bem tudo aquilo que celebramos e experimentamos nos dois grandes ciclos do calendário litúrgico, Natal e Páscoa. Neste tempo celebramos a plenitude do mistério de Cristo, principalmente nos domingos. A primeira parte, que iniciamos após a festa do Batismo de Jesus, nos ajuda a aprofundar a realidade da vocação e da missão, de Jesus e nossa.

Este tempo é único, mas está dividido em dois momentos na organização geral do ano litúrgico. A primeira parte tem início na segunda-feira depois da Festa do Batismo do Senhor (que substitui o primeiro domingo comum) e vai até o entardecer da terça-feira que precede a quarta-feira de cinzas (quando se inicia a quaresma). Nas vésperas da quarta-feira de cinzas, o tempo comum é interrompido e será retomado na segunda-feira que segue o domingo de Pentecostes.

Depois de Pentecostes, inicia-se a segunda parte do Tempo Comum, que vai até o momento que precede as primeiras vésperas do primeiro



domingo de advento. É necessário acentuar que mesmo parecendo dividido em duas partes: depois da epifania e depois de Pentecostes, este tempo constitui uma unidade perfeita e tem uma sequência lógica.

Algumas pessoas comparam o Tempo Comum com o nosso “*feijão com arroz*”. É comum, mas impor-

tantíssimo para o sustento. Não é extraordinário. Aliás, ninguém consegue viver só de festa ou banquetes. Cansa e enjoa. Esses momentos fazem bem, mas são esporádicos. O que conta mesmo é o dia-a-dia. Esse Tempo nos mostra que Deus se faz presente nas coisas simples: “*O Reino de Deus não vem de for-*

ma ostensiva...” (Lc 17,20). Durante esse Tempo, celebramos a ação de Jesus no mundo, a presença de Maria (*modelo de fé, figura da Igreja*) e o testemunho dos santos (*irmãos, benfeitores, intercessores e modelos*).

Pe. José Antônio de Oliveira
Cristiano Otoni e Queluzito / MG

Comunhão e participação

O papa Francisco tem nos ajudado a retomar a Igreja do Concílio Vaticano II definida como Povo de Deus. Um dos aspectos mais interessantes da Igreja assim entendida é o princípio da comunhão e participação, que deve marcar sua vida e missão. Para o papa, isso é possível desde que a Igreja seja cada vez mais sinodal, isto é, “uma Igreja da escuta, ciente de que escutar ‘é mais do que ouvir’. É uma escuta recíproca, onde cada um tem algo a aprender. Povo fiel, Colégio Episcopal, Bispo de Roma: cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo, o ‘Espírito da verdade’ (Jo 14, 17), para conhecer aquilo que Ele ‘diz às Igrejas’ (Ap 2, 7)”.

O primeiro nível desta sinodalidade, de acordo com o papa, acontece nas dioceses cujos organismos de comunhão só tornarão a Igreja sinodal se “permanecerem ligados a ‘baixo’ e partirem do povo, dos problemas do dia-a-dia”. A sinodalidade expressa comunhão e participação na medida em que assegura o caminhar unidos em meio à diversidade que caracteriza a riqueza de nossa Igreja. “Aquilo que o Senhor nos pede, de certo modo está já tudo contido na palavra Sínodo. Caminhar juntos – leigos, pastores, Bispo de Roma – é um conceito fácil de exprimir em palavras, mas não é assim fácil pô-lo em prática”, adverte Francisco.



Nossa arquidiocese, ao longo das últimas décadas, tem trilhado o caminho da sinodalidade, mesmo que com imperfeições e limites. As assembleias nos níveis comunitário, paroquial, de forania, regional e arquidiocesana, bem como de algumas pastorais, comprovam esse esforço. Os grandes avanços que tivemos na atuação dos cristãos leigos e leigas, na organização de nossas comunidades, pastorais e serviços são fruto desse caminho de comunhão e participação. Os Conselhos Pastorais e para Assuntos econômicos, em seus vários níveis, bem como as coordenações pastorais e de movimentos, também expressam nosso empenho em construir uma Igreja Povo de Deus, que reconhece e valoriza o trabalho de cada batizado.

São muitas as ferramentas que nos auxiliam

nesse propósito desde cursos e encontros de formação até a produção de materiais de evangelização e orientações de práticas pastorais que asseguram a unidade da linguagem e da ação sem, contudo, levar a nenhum tipo de enquadramento. O Projeto Arquidiocesano de Evangelização (PAE), no entanto, ganha destaque no ideal de uma Igreja comunhão e participação. Por meio dele, definimos metas comuns e as ações para alcançá-las com vistas a tornar presente entre nós o Reino de Deus, sempre inspirados no Evangelho.

Um projeto diocesano de pastoral só cumpre esse papel quando construído a muitas mãos, cabeças e corações. Redemos graças a Deus porque assim tem sido em nossa arquidiocese nos últimos 20 anos, quando aprovamos nosso primeiro Plano Bienal de Evangelização (1995). No primeiro semestre deste ano, todas as instâncias e organismos de nossa arquidiocese são chamados a fazer, de forma intensa e comprometida, a experiência da sinodalidade. Como? Estudando e aperfeiçoando o *Instrumento de Trabalho* do qual nascerá nosso quarto PAE, que será aprovado na assembleia de novembro deste ano.

Pe. Geraldo Martins
Coordenador de Pastoral

Pimenta biquinho: o tempero que mudou a vida de moradores de Bento Rodrigues

Da plantação, produção e venda da Pimenta Biquinho vivia um grupo de pessoas no distrito de Bento Rodrigues, em Mariana. A pimenta que virou geleia e caiu no gosto do paladar brasileiro, era tradição e estava prestes a ser exportada quando o mar de lama levou todo o sonho e trabalho dos últimos anos.

Keila Vardele Sialho, 32 anos, uma das produtoras que morou a vida toda no distrito atingido, conta que toda a plantação foi perdida com o rompimento da barragem de Fundão. “O que a gente plantou foi tudo embora. Só sobrou o prédio da associação, que ficava na parte alta. Nosso prédio estava todo organizado. A gente tinha acabado de pintar a associação, estava tudo novinho, tinha uma placa nova e estava tudo muito bonito”, lembra.

A ideia de trabalhar com a pimenta surgiu em 2006, como uma forma de reerguer a Associação de Hortifrutigranjeiros de Bento Rodrigues (AHOBERO), criada em 2002 e que estava desativada. No início, a proposta era vender pimenta in natura, como matéria-prima para a indústria. Mas diante da quantidade de pimenta foi preciso pensar em uma nova receita para se aproveitar todos os frutos colhidos. Assim nasceu a geleia de pimenta.

“Quando a gente começou a vender a pimenta foi para uma empresa em Belo Horizonte, mas como era muita pimenta, aí nós resolvemos fazer outro produto. Foi assim que surgiu a geleia

de pimenta. No início nós vendíamos pelas feiras de Mariana e depois a gente começou a participar de feiras em Belo Horizonte e mais adiante em outros estados”, conta Keila.

No lugarejo todos os moradores conheciam e respeitavam a associação. “As pessoas de Bento acompanhavam o nosso trabalho”, ressalta a produtora. O profissionalismo e o amor pelo trabalho faziam parte da identidade do grupo, que em cada potinho finalizado, levava junto à geleia, o nome de Bento Rodrigues para todos os cantos.

Produção

O produto, vermelhinho, agradou a vários públicos. Na produção, a pimenta era plantada com esterco de gado e a geleia feita da forma mais natural possível, toda artesanal, sem nenhum tipo de corante. Todas as etapas, da plantação à comercialização do produto final, eram realizadas pelo grupo.

Sete mulheres e dois homens compõem a equipe, que envolvia membros de suas famílias nas etapas de preparação. Certificados e selos de qualidade já estavam entre as conquistas da associação.

Segundo Keila, eles tinham uma grande quantidade de pimenta e geleia estocada, que não foi atingida e esperam conseguir utilizá-la.



Uma família que trabalha junto

Um dos diferenciais da equipe era o carinho e amizade entre as pessoas. Keila conta que eles não eram só colegas de trabalhos mas sim uma família. “Todo mundo é amigo de todo mundo. Esse trabalho fortaleceu a nossa amizade, nós viramos uma família. A gente sempre ajudava e apoiava o outro. E isso a gente não quer que se desfaça”. A produtora explica que todos os membros da associação sabem realizar todas as etapas do processo de produção e que todos faziam de tudo.

Junto com as dúvidas sobre o futuro, Keila carrega em seu coração o desejo de poder ver a Associação de Hortifrutigranjeiros de Bento Rodrigues funcionando novamente. “Hoje nós não temos certeza de nada, mas todos queremos voltar a trabalhar. Queremos um terreno para plantar e o nosso espaço para poder produzir e vender nossa geleia”, afirma com esperança de dias melhores.

Fotos: Arquivo pessoal

